

DAVID SKARBEEK

# “Espalhar os líderes de uma quadrilha não adianta”

O pesquisador David Skarbek estuda prisões em vários países, incluindo o Brasil. Ele alerta que o conflito entre facções na cadeia aumenta a violência nas ruas também

Marcelo Moura

Quando presos inventam hierarquias e regras de conduta dentro do presídio e para se relacionar com o crime organizado do lado de fora, estão criando “instituições informais” – área de interesse do americano David Skarbek, doutor em economia e professor de economia política (a interface da economia com a política, o direito e os costumes) na King’s College de Londres. Skarbek chamou a atenção de especialistas em segurança pública com o lançamento, em 2014, do livro *The social order of the underworld – How prison gangs govern the American penal system* (*A ordem social do submundo – Como as gangues de prisão governam o sistema penal americano*, ainda sem edição em português). Para seu artigo acadêmico mais recente, publicado em novembro, ele comparou dados de prisões de Brasil, Bolívia, Finlândia, Inglaterra, Noruega, Suécia e Estados Unidos (especificamente da Califórnia, estado natal do autor). Entre outros achados interessantes, conclui que presídios grandes representam uma falsa economia para o governo, por sempre oferecer terreno mais fértil para o crime organizado – o que acarreta custos para a sociedade e para as finanças públicas, dentro e fora da cadeia.

**ÉPOCA** – Para desarticular o crime nos presídios, autoridades no Brasil trocam líderes de quadrilhas de um lugar para outro. É uma boa estratégia?

**David Skarbek** – Trocar líderes de lugar deixou de ser uma estratégia razoável, depois que os telefones celulares se popularizaram. É quase impossível impedir a entrada deles em presídios americanos, assim como nos brasileiros. Tenta-se

barrar o funcionamento de linhas não autorizadas na área do presídio, mas a eficácia disso é limitada. Com a tecnologia moderna, o principal efeito da transferência de prisioneiros para outros lugares é espalhar a área de influência deles. Você acaba ajudando a gangue, em vez de atrapalhar.

**ÉPOCA** – Qual é a relação entre o poder do crime dentro e fora dos presídios?

**Skarbek** – Tendemos a pensar que as prisões isolam os prisioneiros da sociedade. Nos Estados Unidos ou no Brasil, não é o caso. Os muros dos presídios se mostram bastante porosos. Muito frequentemente, as quadrilhas na cadeia têm enorme influência do lado de fora dos presídios. Na Califórnia, elas conseguem exercer influência do lado de fora porque criminosos nas ruas sabem que correm grande risco de ser presos algum dia. Eles se antecipam a essa possibilidade e passam a colaborar com as quadrilhas antes, como uma espécie de seguro contra maus-tratos na prisão. A insegurança do ambiente da prisão interfere no comportamento dos que estão presos e também nos criminosos que ainda têm ficha limpa.

**ÉPOCA** – Então as prisões fortalecem as quadrilhas?

**Skarbek** – Há uma relação de simbiose. Em Los Angeles, as gangues na prisão têm influência enorme no tráfico de drogas. Exigem que os vendedores nas ruas paguem uma taxa, de 10% a 30% dos lucros da venda de entorpecentes. Dezenas de milhares de dólares por mês irrigam os bolsos dos prisioneiros. A criminalidade das ruas fortalece a criminalidade dentro do presídio, e a relação contrária funciona:

TEMOR  
David Skarbek em  
palestra em Warwick,  
na Inglaterra. A  
influência dos  
prisioneiros chega  
às ruas também nos  
Estados Unidos



quadrilhas dentro dos presídios, devido à capacidade delas de ameaçar pessoas, podem funcionar como uma autoridade reguladora. Uma gangue chamada Máfia Mexicana atua (*na Califórnia*) como mediadora de problemas entre traficantes rivais nas ruas. Eles têm credibilidade e controle sobre a comunidade de distribuidores. A habilidade deles e os procedimentos de punição que adotam facilitam a atividade ilegal e o comércio de drogas.

**ÉPOCA** – A população carcerária no Brasil mais que dobrou nas últimas décadas. Como isso muda a prisão?

**Skarbek** – A menos que você também dobre os recursos e o controle exercido pelas autoridades, esse influxo cria instabilidade na comunidade prisional. Cada aumento da população carcerária deve corresponder a um aumento de recursos, instalações, funcionários... senão você aumenta a instabilidade e incentiva os prisioneiros a se organizar em quadrilhas.

**ÉPOCA** – A sociedade deve evitar prender demais, mesmo sob o risco de parecer suave no combate ao crime?

**Skarbek** – O que sabemos de estudos sobre o comportamento de criminosos é que eles respondem mais rapidamente, mais significativamente, a punições ágeis e certas. A combinação de penas severas em lei e alta impunidade não muda muito o comportamento dos criminosos. Quando a chance de o criminoso ser punido é de 90%, mesmo que seja com seis meses de prisão, o poder de dissuasão é enorme. Para evitar superlotação carcerária, sem parar de punir, a maneira é adotar penas de encarceramento curtas e certas, mais do que muito severas e muito incertas.

**ÉPOCA** – Houve um tempo em que os grupos organizados não tinham o poder que exibem hoje no Brasil. Eles ganharam força por causa da superlotação dos presídios?

**Skarbek** – Esses grupos também não existiam nos Estados Unidos. O que encontrei nos Estados Unidos é que, antes, as prisões eram pequenas. Detentos não precisam de um grupo para conviver em ordem. Podem fazer isso de maneira informal. Mas o aumento na população carcerária americana pôs uma tremenda pressão sobre os recursos na capacidade de administração e nas instituições. As grandes populações carcerárias geram instabilidade e, por isso, os prisioneiros se dedicaram a criar organizações para facilitar a ordem entre eles.

**ÉPOCA** – Uma prisão grande fica fora do controle de qualquer governo?

**Skarbek** – Quanto mais poderoso o Estado, maior pode ser o presídio, sem que se formem gangues. Quanto menos guardas, quanto menos recursos, quanto menos o Estado for capaz de garantir a segurança e as condições básicas,

maior a lacuna em governança que os próprios presos podem ocupar.

**ÉPOCA** – Quais são os pontos em comum entre o problema carcerário no Brasil e nos Estados Unidos?

**Skarbek** – Há muito em comum. O primeiro ponto é que as quadrilhas emergem porque os detentos querem ordem (*dentro da cadeia*) e o Estado não é capaz de atender. O segundo é que gangues emergem porque detentos querem itens proibidos. Outro ponto parece ser que gangues no Brasil e na Califórnia são bem estruturadas. Têm regras escritas, procedimentos padronizados, métodos específicos, distribuem regras para os presos, dedicam-se a monitorar quem segue as regras e punem os que não seguem. São formas semelhantes. Quando há monopólio, há menos violência aparente. Violência irrompe quando há guerra pelo controle. Quando o conflito é resolvido, com a vitória de um lado, a violência se acalma. Prisioneiros não usam violência como um gosto, eles usam para resolver a disputa por controle.

**ÉPOCA** – Onde se conseguiu derrotar essas quadrilhas?

**Skarbek** – Nos Estados Unidos, o problema das quadrilhas nas prisões persiste. Creio que é porque o problema dos prisioneiros foi encarado como uma questão (*apenas*) de fornecimento de drogas.

**ÉPOCA** – Como sufocar financeiramente os negócios ilícitos que alimentam as organizações criminosas?

**Skarbek** – Enquanto houver demanda significativa por produtos e serviços ilegais, é impossível eliminar o submundo da economia. Há demanda por drogas, por contrabando. Enquanto essas coisas forem proibidas na cadeia e desejadas por presidiários, gangues vão lucrar com o fornecimento. A proibição cria uma reserva de mercado que favorece pessoas perigosas. Para reduzir a importância do submundo da economia, as autoridades devem fazer o máximo possível para atender às demandas pela economia formal. Com a legalização de produtos como as drogas, o Estado pode monitorar e controlar. Um problema é a sociedade talvez não querer legalizar tudo. Não podemos atender a todas as demandas apenas para esvaziar o poder dos criminosos. Não é prático nem prudente. Mas é algo a discutir sempre.

**ÉPOCA** – Muitos no Brasil comemoram as mortes causadas nos confrontos entre presidiários. O que o senhor acha dessa reação da sociedade?

**Skarbek** – Rebeliões nos presídios minam o ambiente de negociação entre facções. Um grupo tenta avançar nos negócios e no espaço geográfico dominado pelo outro. A instabilidade cresce e leva a ainda mais violência. ♦

“  
Punição curta e  
certeira inibe o  
criminoso mais do  
que penas severas  
mas nem sempre  
aplicadas”